

Na defesa dos medicamentos genéricos e biossimilares

Consciente da importância da adoção de produtos genéricos e biossimilares para o bem-estar do utente e para a sustentabilidade do Serviço Nacional de Saúde, a APOGEN não se tem poupado a esforços para alterar mentalidades e erigir novos paradigmas.



A Associação Portuguesa de Medicamentos Genéricos e Biossimilares (APOGEN) é um organismo constituído por um conjunto de empresas do setor farmacêutico que se dedicam à produção e/ ou comercialização de medicamentos genéricos e biossimilares. Representando atualmente os interesses de 15 companhias associadas, é na “divulgação da importância e dos benefícios” deste tipo de fármacos, bem como “no apoio à exploração do seu potencial” que a instituição encontra os seus âmbitos de atuação.

Por outras palavras, e atendendo ao seu papel de “parceiro representativo do setor”, a APOGEN assume um constante trabalho de comunicação e sensibilização, que visa não apenas o maior esclarecimento da sociedade civil, mas também dos próprios profissionais do setor da saúde e das estâncias governamentais, relativamente à utilização de fármacos genéricos e biossimilares. “Consideramos que há um conjunto de benefícios que deve ser divulgado e, como tal, devemos trabalhar no sentido de conseguir uma utilização destes medicamentos que seja de um nível tão elevado quanto o dos países mais desenvolvidos”, explica Paulo Lilaia.

Contando com uma ampla experiência no setor farmacêutico, o atual presidente da APOGEN fala no “inevitável” – ainda que lento e gradual – processo de consolidação que os medicamentos genéricos e os produtos biossimilares têm protagonizado no nosso país, lembrando o contributo que estes medicamentos têm vindo a dar para a contenção e diminuição da despesa do Estado e dos doentes com medicamentos e para a sustentabilida-

de e preservação do Serviço Nacional de Saúde, através das poupanças que permitem gerar.

Paulo Lilaia frisou ainda que o valor dos medicamentos genéricos e biossimilares é muito mais abrangente, na medida em que permite libertar recursos para financiar tratamentos de elevado custo, constituindo uma oportunidade única para ajudar a controlar a despesa crescente com medicamentos inovadores. Paralelamente, importa referir que se tratam de verdadeiros impulsionadores da inovação e, devido à redução dos custos de tratamento que desencadeiam, permitem o aumento do acesso dos doentes – e em fases mais precoces das suas doenças – a medicamentos seguros, eficazes e de qualidade e aumentam a adesão dos doentes aos tratamentos. Por último, mas sem menor importância, Paulo Lilaia realça o modo como estes medicamentos reduzem as desigualdades da população face aos cuidados de saúde.

Genéricos: uma realidade comprovada

Foi por volta do ano 2000 que o mercado dos medicamentos genéricos deu os primeiros passos em Portugal. Pese embora o facto de países como a Alemanha já utilizarem este tipo de fármacos desde meados da década de 1970, a resistência e o ceticismo eram fortes. “Lembro-me de ouvir dizer que os genéricos nunca entrariam no nosso país por causa da nossa mentalidade, que era diferente”, aponta Paulo Lilaia. Tendo, todavia, acompanhado desde a primeira hora o surgimento e desenrolar deste mercado, o presidente da associação cedo compreendeu que “a mudança era inevitável”, tendo ocorrido ao longo dos anos, com o apoio de uma série de fatores.

“A primeira fase passou por vencer a resistência, disponibilizando muita informação aos profissionais de saúde – sempre através de evidência científica – e aos utentes sobre a qualidade, eficácia e segurança dos medicamentos genéricos”. Entretanto, e paralelamente ao efeito de conjunturas como a crise financeira que o país atravessou, “a utilização de medicamentos genéricos foi crescendo”, num esforço

tornado possível graças à continuada sensibilização e dinamismo não apenas da APOGEN, como também do Infarmed, aos quais se acrescentaram os efeitos da utilização, por parte da população em geral, de genéricos no seu dia-a-dia.

Volvidos 17 anos, os resultados estão à vista. “Hoje temos uma quota de mercado, em doses unitárias, de 47,2%”, realça o porta-voz. Significa isto que “cerca de metade dos medicamentos tomados no nosso país são genéricos”, prossegue Paulo Lilaia, embora a possibilidade em torno do seu crescimento ainda não se tenha concretizado por inteiro. As resistências e os conflitos de interesse em torno desta temática estão, por sua vez, ultrapassados. “Tivemos de assumir um longo caminho de informação, depois chegou a fase da experimentação e dos primeiros sinais de aceitação”, mas atualmente, “não há qualquer tipo de questão” que possa ser levantada em torno dos medicamentos genéricos. “Só por desonestidade intelectual se poderia questionar a evidência científica e a igualdade de segurança, qualidade e eficácia entre medicamentos genéricos e originadores”, considera o presidente da APOGEN.

Biossimilares: um novo paradigma

Tal como sugerido pela sua designação, o biossimilar corresponde a um medicamento biológico, desenvolvido de modo a ser similar a um medicamento que já existe. De natureza e conceção relativamente complexa, este tipo de produtos apresenta novas possibilidades para o setor farmacêutico, sendo papel da APOGEN promover e facilitar a sua presença e utilização em Portugal. Questionado sobre o estado deste mercado no nosso país, Paulo Lilaia não hesita em considerar que “estamos a atravessar uma fase bastante parecida àquela por que os genéricos passaram há cerca de 10 anos”.

Assim sendo, e tendo em conta que a introdução de fármacos biossimilares em Portugal começou há apenas cinco anos e a sua quota de utilização é ainda ténue, a APOGEN tem-se dedicado à “veiculação de informação, nomeadamente aos profissionais de saúde”, atendendo ao facto de estes serem medica-

mentos administrados, por norma, em ambiente hospitalar. Referindo que existem, no nosso país, cerca de vinte medicamentos biossimilares aprovados, o nosso interlocutor aponta para a realidade que se vive nos territórios com melhores índices de desenvolvimento, onde a taxa de adoção destes produtos se encontra já consolidada.

“Se um determinado biossimilar é utilizado na Alemanha em 60% ou 70% dos doentes, mas em Portugal apenas em 10% dos casos, teremos de trabalhar de modo a ficarmos devidamente alinhados com as melhores práticas”, considera Paulo Lilaia. A alteração do status quo afigura-se, nesse aspeto, essencial: “Há uma série de medicamentos biológicos que vão perder a sua patente e parece-nos que uma das melhores alavancas de controlo da despesa no setor hospitalar será a utilização dos biossimilares”. Mais concretamente, e segundo os cálculos da APOGEN, o Estado português poderá poupar cerca de 100 milhões de euros entre este ano e 2020, caso se consuma a entrada de novos biossimilares no mercado.

O imperativo da sustentabilidade

Perante um cenário em que “a robustez técnico-científica do biossimilar está completamente comprovada a nível europeu”, a APOGEN acredita que a resistência à sua utilização será cada vez menor, acreditando na mais-valia de uma “utilização progressiva, até porque os próprios doentes têm de participar neste tipo de alterações”. Mas mesmo atendendo à especial sensibilidade das doenças tipicamente associadas com o uso deste tipo de fár-

macos, Paulo Lilaia defende que, no espaço de uma década, “será muito provável que mais de 75% das pessoas sejam tratadas com medicamentos genéricos e biossimilares”, numa alusão a uma tendência que promete cimentar-se também nos países mais desenvolvidos do continente europeu.

Lembrando que é possível estabelecer uma analogia entre, por um lado, o universo dos medicamentos genéricos e biossimilares e, por outro, o mercado das tecnologias de informação e comunicação – na medida em que ambos “trabalham em permanência com a preocupação de otimizar os processos industriais, de forma a conseguir desenvolver produtos de qualidade comprovada, mas com um custo cada vez mais baixo” –, o presidente da associação ressalva que nem a sustentabilidade dos sistemas de saúde europeus nem a inovação (com o elevadíssimo investimento que exige) ficarão garantidas sem o uso consolidado destes produtos.

Mas mesmo perante um cenário de aparente otimismo, é essencial que associações como aquela que Paulo Lilaia preside continuem o seu constante trabalho de promoção científica e de sensibilização. De facto, quando questionado sobre qual o papel da APOGEN para os próximos anos, o nosso entrevistado é perentório: “teremos de continuar a trabalhar na divulgação dos medicamentos genéricos e biossimilares, mostrando a sua importância e o seu potencial”. Trata-se, deste modo, “de um trabalho que nunca está acabado”, mesmo que “uma grande parte da informação mais fundamental já se encontre consolidada”, conclui o porta-voz.

apogen 

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE MEDICAMENTOS GENÉRICOS E BIOSSIMILARES

Edifício Oeiras Office

Rua Marechal Teixeira Rebelo, N.º2 - 2.ºC

2780-271 Oeiras - Portugal

T 00351 214 411 720 / 00351 214 411 721 • F 00351 214 411 722

Email apogen@apogen.pt • www.apogen.pt